

# EM TEMPOS DE GUERRA, BREVE TRATADO SOBRE A PAZ

\*Professor de Liturgia no  
ITESP.

Antônio S. Bogaz\*

## Resumo:

*O a. parte de uma série de reflexões com alguns exemplos do uso da religião ou de 'deus' como pretexto para a guerra. A questão da influência de uma religião de paz é levantada e uma leitura crítica da história da humanidade como 'história de guerras' perpassa alguns momentos importantes. Conotações da paz — por comodidade, domínio e aniquilação — e a paz como 'ação pela vida' apresentam nuances deste tema. O 'sonho' da paz perpassa a humanidade — alguns textos bíblicos são referidos — ainda que às vezes sob o pretexto de manter os 'ganhos despóticos'. Jesus de Nazaré é apresentado como modelo do homem pacífico mas não acomodado e que acaba por ser um exemplo da 'militância da paz'. A 'esperança' da Gaudium et Spes e a realidade dos empobrecidos são apresentadas como parâmetros para uma paz consolidada para o mundo e em especial para a América Latina construindo um novo ser humano.*

## Chaves:

*Paz, Guerra, Religião: guerra.*

Falar de paz é fácil, é aliciante e chega a irritar, quando o discurso parece servir como engodo aos projetos de guerra. Tanto é verdade, que os manipuladores dos poderes, fabricantes de armas e anunciadores dos ataques se escondem sempre sob o manto suave da bandeira da paz.

No entanto, todos conhecemos os dramas das guerras, as tragédias dos conflitos. Monumentos que se destroem, casas que se explodem, plantações que se tornam fogueiras de festa junina, cogumelos de fogo e fumaça que sobem aos céus, feito incenso da maldade.

Analizamos os fenômenos da guerra, procurando conhecer as raízes dos conflitos. Certamente não é desprezível o questionamento: não será o ser humano naturalmente um ser bélico, como se guerrear fosse parte constitutiva de sua natureza originária? Nos cromossomos constitutivos da pessoa, não estariam escondido alguns genes produtores do instinto bélico, assim como à natureza da serpente está contido o ataque-retorno e ao instinto da pantera pertence a ação de espreitar?

Para além da natureza instintiva, no ser humano, a ação bélica não é produto de uma expressão de seus instintos programáveis e simplesmente ordenados para uma ação lógica e repetitiva. No ser humano, a elaboração do raciocínio, que engendra a guerra, o assassinato e a destruição, é mais que passional, é forjado, justificado e elaborado com requintes de inteligência e de onipotência. A serpente continua oferecendo a maçã e Adão e Eva continuam a compactuar-se com a sua maldade.

Mas, como podemos entender estas ações, misturadas a gestos de bondade, de amizade, de solidariedade e gestos de amor?

Neste pequeno tratado, trataremos dos princípios éticos da paz, como que cantando uma suave canção no meio dos canhões que troam, para compreender mais uma vez que, contra todas perspectivas, a paz pode reinar no mundo.

### CONSIDERAÇÕES INDIGNADAS

Muitas vezes, ouvimos um ditado que de tão repetido, tornou-se um ditado popular: *se queres a paz, prepara-te para a guerra*. Neste sinal de contradição, nunca entendemos muito bem o que é a paz e jamais conseguimos elaborar um processo de paz verdadeira e duradoura.

Gostaria de iniciar este breve tratado sobre algumas provocações, que podem nos incitar a irritação, cessando a leitura, ou, com muita sorte, ler com mais ansiedade, tateando no escuro, em busca do itinerário labiríntico da paz.

Antes de tudo, com vergonha, diante da grande variedade de espécies animais, que nós consideramos inferiores aos presunçosos humanos, não se conhece nenhum período da história da humanidade que não houvesse conflitos de guerra ou guerrilhas. Tanto que podemos afirmar que a história da humanidade é a história de suas guerras.

Depois, gostaria de considerar que com o cristianismo, que esnobamos como um projeto de paz, tolerância e fraternidade entre os povos, as guerras continuaram freqüentes e numerosas, bélicas e sempre mais destruidoras. O mundo cristão, não

o cristianismo e o projeto de Reino de Deus, provocou muitas guerras santas e sanguinárias. Tanto é verdade que nem sempre o sangue de Cristo se uniu aos seus mártires cristãos. Tantas vezes, o sangue da cruz de Cristo, jorrou do coração daqueles que chamamos de *ímpios*.

Ainda mais, num encontro macro-ecumênico, um grupo de praticantes de religiões não monoteístas, provocava os judeus, muçulmanos e cristãos — recordemo-nos que são as religiões que se ufanam de serem monoteístas — afirmando que são as religiões reveladas, não-politeístas, que provocam as guerras. Pareceu atrevida a insinuação, mas naquele momento ninguém foi capaz de, discretamente, contestar, pois os monoteístas, que tiveram a revelação da unicidade divina, não foram capazes de apresentar guerras históricas e homéricas em nome de *deuses falsos*.

Podem piorar a reflexão, quando consideramos que o Ocidente cristão, em nome de Deus, provocou e está provocando guerras e destruição de povos não-ocidentais e não-cristãos. Como esta guerra é feita em nome da religião, vai gerando uma grande antipatia pelas religiões que são representadas. Sabemos que não existe guerra santa, portanto nossa missão é desmascarar todas as maldades feitas em nome da religião. Quando um tirano se serve do nome de Deus, percebemos facilmente algumas incoerências: antes de tudo, está usando o nome de Deus em vão; depois se usa o nome de Deus é porque não tem argumentos lógicos para o justo convencimento e, ainda mais, torna-se proprietário de Deus, como se a divindade fosse seu servo, e lutasse em seu favor contra povos ímpios, como se Deus não fosse também seu protetor e seu guia.

Finalmente, nunca podemos nos esquecer das tragédias provocadas pelo poder civil, cobrindo-se pelas bênçãos do poder católico, como a noite de São Bartolomeu, a morte de tantos indígenas nas Américas, o esfaqueamento das tribos africanas, a escravidão afro-ameríndia, os povos das missões. Por certo, não é a comunidade cristã católica que incita à guerra e abençoa armas e mísseis, mas setores cristãos, ingênuos e desapercibidos, que desonram o nome de Deus, que é nome de paz.

A humanidade, com seus governantes decorados no peito com medalhas, como se suas jaquetas fossem uma bandeira do divino, abarrotado de insígnias, condecorações, fitinhas mil e medalhas com brasões, perde a seriedade quando derruba os prédios e depois envia cobertores, destrói as plantações e depois envia sacos de alimentos, desnatados, desidratados e químicos. Os próprios falcões americanos, que em nossos dias somam o terror das bestas apocalípticas, enviavam ao povo mas-

sacrado do Afeganistão comidas e bombas. Assim, variando a cor dos pacotes, podia se evitar que os famintos mordessem granadas e atirassem os grãos.

De então, nos perguntamos angustiados sobre a missão das comunidades cristãs diante do quadro de guerras no mundo contemporâneo. As religiões, particularmente o cristianismo, são incapazes de conter os canhões ou a força dos mísseis perfura as páginas suaves das escrituras sagradas e dos códigos de éticas, promulgados, contemplados e celebrados em nossos templos sagrados?

Afinal, qual a eficácia das religiões e do cristianismo em nossa realidade mundial, se o ateísmo gerou as mesmas guerras que os povos que professam a fé e louvam a Deus? Qual a missão da Igreja, senão cancelar todos os quartéis e transformá-los em sítios de alegria e de solidariedade.

Nenhuma pergunta tem sentido, se não delimitarmos, como premissa para toda ação, um breve tratado sobre a paz.

## ESTATUTO DA PAZ

O sentimento da paz perpassa todos os espíritos humanos e, num primeiro olhar, para que todos entendamos seu significado para o ser humano, para a sociedade e para o mundo. No entanto, quando vamos aprofundar suas nuances particulares, então percebemos que a sua conceituação é mais complexa e exigente de quanto podemos supor. Assim, são múltiplas e divergentes as concepções de paz, bem como são delicados os processos de promoção da paz, quando tratamos de seus instrumentos, meios e fins. Para a conquista da paz, depa-ramo-nos com os meios lícitos e ilícitos, mas a própria ação conquistadora parece antagonizar com a celebração da paz. Nada no mundo é mais hipócrita que celebrar a paz, hastear-do um bandeira branca, ou de listas vermelhas e azuis, sobre um grande tanque de guerra manchado de sangue inimigo. É a miséria da paz.

Na reflexão filosófica, a paz é a forma de conviver e coexistir entre os seres humanos, de modo que as diferenças, desigualdades e discrepâncias de afetos, vontades e convicções sejam resolvidas de forma racional, pelo diálogo, pelas negociações e pelo bom senso e não pelo arbítrio da luta física, que eleva rancores, a ponto de se perder de vista os contornos das primeiras questões das conversações. A convivência exige verdadeiramente a aceitação do diferente e a busca contínua dos fatores comuns entre os grupos sociais, tribais ou internacionais. As diferenças sociais de classe, de poder aquisitivo e de posses, bem como as diferenças culturais e religiosas que po-

dem ser motivações para as guerras, devem ser relegadas, num primeiro momento, ao segundo plano, para que se estabeleça a paz. Existindo estes antagonismos, a paz conquistada é sempre muito frágil, exigindo assim que estas diferenciações sejam a curto ou médio prazo resolvidas, para que se estabeleça uma ordem social perene e fortificada.

A paz é um bem universal do ser humano, inserido nos diferentes contextos geográficos e históricos, portanto sua realização implica em pluralidade cultural e religiosa, mediação de extremos e renúncia de valores e bens secundários na composição comunitária, para estabelecer uma ordem satisfatória aos vários grupos de convivência social. Em nossos tempos atuais, a rede desta convivência, que nunca perde seu aspecto local, torna-se internacional, no processo de aldeização do mundo global.

Certamente, a paz é sempre um processo espiritual pessoal, que possibilita o esquecimento de antigos rancores, o perdão de maus tratos antigos e a renúncia a promessas de vingança juramentadas. Ficou muito evidente na escandalosa guerra dos norte-americanos contra os iraquianos, para além da mentira ideológica de libertar os oprimidos (nem crianças na primeira infância pregam mentiras tão ridículas) estava a conquista de mais espaço na hegemonia liberalista dos poderes dos falções anglo-americanos e que nas entranhas desta contenda absurda estava um grande ressentimento que G. Bush, o filho, armazenara, qual veneno de serpente peçonhenta, do fracasso de G. Bush, o pai, uma década atrás.

Assim, se a paz não estiver no espírito, é impossível que ela sobreviva nas leis e nos diálogos entre os governantes. Quão perigoso é um governante de espírito bélico e sede de matar; assemelha-se a um policial com sede de vingança e espírito de violência. A sua postura permite o sadismo jurídico, sustentado pela lei e sua posição social. De igual modo, um governante com belicismo no espírito, faz a guerra e não a guerrilha, pois sua posição de governante permite denominar de guerra, sustentada pelo Estado e proclamado pela *mass media*, como feitos de um grande estadista. Serão necessárias algumas décadas para que a neblina da ideologia desapareça e as gerações vindouras entendam que houve um assassinato em massa, destruição de bens universais ou, em termos oficiais, crimes de guerra.

A paz social é o resultado da interconexão da paz dos grupos inferiores e o resultado efetivo da aplicação da lei, na construção da justiça. A paz atinge sua plenitude quando é cultivada no espírito humano, semeada nas relações grupais e colhida na ordem social.

## A PAZ COMO AUSÊNCIA DE GUERRAS

Em nossa realidade contemporânea, marcada por falsas democracias, como a democracia neo-liberal, que destrói as oposições através de sanções econômicas e propagandas ideológicas, e as ditaduras fundamentalistas lideradas por grupos radicais, étnicos e religiosos, cada vez destaca-se mais fortemente a concepção negativa da paz, entendida como ausência de focos de guerra, de algum modo ignorando os conflitos urbanos, os confrontos civis não declarados e a violência dos sistemas sociais.

As conotações negativas da guerra têm algumas tipologias específicas, que merecem ser destacadas, as quais iluminam um julgamento não ideológico sobre os quadros da realidade mundial.

A primeira conotação se refere à promoção da paz, por uma questão de comodidade, pela qual os grupos sociais bem instalados, com medo de perder os próprios privilégios e o status quo, ajustam-se às situações conflituosas, negando sua existência e vivendo numa espécie de provisoriedade de paz. No ditado popular, uma situação semelhante entende que é mais sábio perder os anéis para salvar os dedos, uma vez que a guerra exige uma ruptura das estruturas sócio-políticas, para a reconstrução da história. Nestes casos, firmam-se os processos de restaurações, colagens e acertos estruturais, para não romper com toda organização social.

Muitas vezes, as estruturas religiosas, políticas e econômicas ajustam suas proposições às ideologias dominantes, para conviver pacificamente e manter os seus interesses particulares.

A segunda conotação em nossos dias é a adequação dos povos *menores* à dominação dos povos do norte planetário. Os povos do hemisfério norte, particularmente entre os europeus e os anglo-americanos exercem um poderio devastador sobre todos os *países menores* que seguem suas orientações. Estas diretivas dos países poderosos dependem sempre da postura bélica dos governantes, eleitos democraticamente, num círculo vicioso de propagandas, idiotização das massas populares e terrorismo psicológico. Quando o governante de turno é menos bélico, consegue assessorar-se para o diálogo, quando ele é traumático e de índole guerrilheira, a solução é sempre pelas armas, cuidando sempre de manipular os povos internos, falsificando pesquisas e propagando ideologias.

Neste caso, a dominação é a garantia da paz. Assim, agem os bandidos dos tronos gloriosos, pois quando um bandido habita em porões, esconde-se em florestas e vive em refúgios, ele é menos perigoso que um bandido armado de um exército,

possuindo canais de televisão, vestindo gravatas e ternos azuis e comandando tropas amedrontadas por generais imbecilizados. A garantia da paz é a eliminação das oposições e a submissão aos poderosos. Por décadas, os *decorados governantes* da América Latina se acoplaram, por conveniência e covardia aos poderosos da esquerda e da direita dos sistemas da guerra fria, para salvaguardar seus tronos de veludo, suas piscinas térmicas, massacrando e subjugando seus co-nacionais. Hoje, com a hegemonia do bloco neo-liberal, sediado pelos poderes dos *falcões norte-americanos e seus prostitutos* internacionais, o mundo deve se curvar aos interesses militares e bélicos dos americanos. O governo norte americano é o grande cafetão e seus aliados são seus garotos de programa, na dominação do mundo.

Em terceiro lugar, a conquista negativa da paz se efetiva pelo aniquilamento do inimigo. Muitas vezes, ouvimos dizer — talvez falsamente — que os casais antigos viviam em paz, pois a mulher era mais submissa e aceitava o jugo do homem. Se isto for verdade, eis a mais falsa concepção de paz familiar. A paz se funda no diálogo dos povos, no respeito aos interesses particulares, na unidade da diversidade dos grupos étnicos e sociais e na força criativa que unifica diferenças e valoriza as culturas, religiões e etnias.

A paz que tem se instaurado no planeta nas últimas guerras tem sido fabricada com bombas e mísseis, com canhões e humilhação, apresentados nos meios de comunicação social, de forma espetacular e desonrosa, não é paz, mas a força maligna e imperiosa dos prepotentes que, depois de espoliar o inimigo, eleva seu corpo como uma bandeira de conquista e o humilha muito mais ofertando, qual divindade poderosa, um prato de comida salgada, que precede a uma dívida internacional.

A paz pela via negativa da destruição não é paz, mas luta de poderes, que suscita revolta e vingança, tão longe dos ideais cristãos que o ocidente apregoa com tanta elegância e suborna com tanta hipocrisia.

## A PAZ COMO AÇÃO PELA VIDA

A paz é uma ação ativa e não simplesmente uma atitude passiva diante dos conflitos, como abstenção de atitudes concretas na solução das injustiças, das dominações e das manipulações grupais.

A paz não é apenas ausência de guerras, mas a presença de dignidade, de direito e justiça e, na carência destes valores, a paz é a busca insistente, corajosa e profética destes bens humanos e comunitários. Esta paz se fundamenta nos direitos das

peças e dos povos, firmados pela não-violência e não-armamentos, concretizando-se por meio de diálogos e pressões diplomáticas e institucionais, capaz da edificação da convivência pacífica entre os grupos humanos locais, nacionais e internacionais. A ereção de tempos de paz é impraticável sem respeito às necessidades básicas do ser humano.

A edificação da paz se funda em duas posturas extremas, sejam a *pacificação radical* que nega a possibilidade de tirar a vida, em qualquer circunstância, como guerra ou auto-defesa, e na *pacificação relativa*, que justifica a guerra para defender fins legítimos. Estas posturas passam pela utopia romântica, no caso da primeira, e pela legitimação leviana, no caso da segunda; e em ambas, não se constrói a paz verdadeira e duradoura.

Conhecemos, na reflexão filosófico-teológica, algumas formas de pacifismo, como caminhos para a paz. O *pacifismo instrumental* é a atuação sobre os meios que produzem a guerra. O pacifismo instrumental coloca seus esforços no desarmamento bélico, procurando meios de pacificação não violentos, sejam as pressões morais, políticas, nas manifestações públicas, e pressões econômicas decididas pela comunidade internacional. Devemos ressaltar que este processo exige mutualidade de ação, pois se houver apenas o desarmamento de uma potência, a outra torna-se prepotente e manipuladora. Este fenômeno aconteceu num caso particular com o Iraque, onde a Organização das Nações Unidas desarmou o Iraque e não teve forças pra conter a prepotência norte-americana. Tivemos como resultado um país em genuína demolição, uma organização humilhada e desmoralizada e uma potência manchada de sangue e odiada em todo o planeta, sobretudo nos meios um pouco menos ludibriados pelos meios de comunicação social, que são os primeiros manipulados e manipuladores no panorama mundial. Outro caso semelhante foi o cancelamento das forças rivais ao império norte americano, representado pelas forças socialistas. Para além das atrocidades dos poderes coletivistas da antiga *cortina de ferro*, o desmantelamento dos *rivals americanos* na guerra fria, abriram caminho para a ação denominada americana, desrespeitando tratados internacionais e agindo com onipotência em todo o planeta. A falta de equilíbrio mundial hoje se determina pela carência de confrontos entre as potências, uma vez que os falcões americanos conhecem bem a discrepância de forças militares, manipulando a Europa, as Américas e as forças asiáticas. Assim, entendemos que para o pacifismo instrumental é urgente o equilíbrio de forças, para que os tiranos não destruam, em nome da paz, os pequenos do planeta.

Uma segunda forma de exercício da paz é o *pacifismo institucional*, o qual visa a constituição de uma ordem internacional, governado por um conselho mundial, disposto a coibir o domínio dos nacionalismos particulares. Para este pacifismo é necessário que nenhuma força moral, política e militar seja superior à força de uma coalizão internacional. Além de cultivar a paz internacional, coibindo a guerra, este órgão plurinacional deve cuidar da organização das relações internacionais, dos meios de sustento dos seres humanos e da proteção planetária. Os países devem compor este conselho mundial do *superestado*, com representações válidas e todas as nações devem acatar suas decisões fundamentais. No momento a ONU, que é um projeto de organização de paz, reconhece sua impotência, sendo sempre manipulada e servilista ao poderio militar anglo-americano.

Finalmente, falamos do *pacifismo finalista*, que se trata de um processo de conscientização e educação humanas, em vista da convivência pacífica e solidária dos povos, procurando edificar o espírito humano para a nobreza do respeito e da força transformadora da paz. Parece um projeto romântico, mas é o único meio de realizar a harmonia entre os povos. Na ausência desta formação espiritual, todas as forças são ineficientes e os cidadãos, assim como os países, não são estimulados a dedicar suas vidas e seus sonhos à convivência serena e respeitosa entre os povos. Os *formadores de consciência* e os *cultivadores da espiritualidade humano-cristã* atuam na edificação dos alicerces do espírito humano, mostrando a importância da luta pela paz, não pela submissão, mas pela composição dos interesses. Nesta concepção, as lutas étnicas por seus direitos, a superação dos preconceitos culturais e a afirmação dos credos religiosos não perdem a sua legitimidade, mas devem assumir posturas não revanchistas ou vingativas para sua auto-afirmação.

Tem ocorrido, que muitos grupos efetivamente oprimidos têm lutado para a sua auto-afirmação e para conquistar seu espaço social e religioso, o que é enormemente correto e justo, mas provoca a revanche, que é a ocupação do lugar do opressor, assumindo a sua posição opressora. Nada mais constatamos que uma troca de papéis e de posições. Por vezes, a opressão por décadas, séculos, marcadas pela violência e a humilhação, cultiva rancores e ressentimentos nos dominados, que na luta por seus direitos acabam por ocupar e repetir as formas dominadoras e opressivas dos seus algozes. O próprio esquema de reivindicação dos proletários, na luta do coletivismo leste-europeu registra este revanchismo, assim como ocorrera com as camadas burguesas, na Revolução Francesa, que hoje representa a escória da sociedade igualitária.

O exemplo de Jesus Cristo, em relação ao poder dos romanos, é muito significativo. Ao refletirmos sobre a postura dos zelotas, que exigiam a organização de um poder antagônico para combater os romanos, que ocupavam o seu território, chegamos a entender o seu ponto de vista. Enquanto os zelotas, guerrilheiros contra a prepotência do poderio romano, queriam confrontar e destruíam, pelas forças das armas, a milícia poderosa dos romanos, Jesus mostra que a destruição de um poder pela força bélica de um poder maior e mais intransigente é danificante, uma vez que destruirá um poder e o suplantará por um semelhante ao primeiro, continuando a lógica da dominação, do exercício da força e da opressão pelas armas e pelos exércitos. Jesus nos indica o caminho, que é a ordem de um mundo sem opressão. Tomando o poder pelo uso das forças, a guerra não tem fim, pois os povos inimigos alimentam sempre o espírito revanchista, que cria uma situação de guerra de todos contra todos.

Para que a guerra termine, o método pior e mais inadequado é a guerra. Se pensarmos neste momento, o ódio que se nutre contra os norte-americanos e os ingleses, que sufocam, pela retórica e pelo poder bélico todas as forças políticas mundiais, compreendemos que a paz fica cada dia mais longe. Como disse um repórter na ocasião da guerra do Iraque: *os americanos ganharão a guerra, mas nunca mais terão paz*. Paz se constrói com a paz e o respeito aos inimigos, tornando-os amigos e não sufocando seus ideais e humilhando seus deuses e seus líderes culturais e religiosos.

## OS POVOS ANTIGOS E SEU SONHO DE PAZ.

Os povos primitivos, como os povos modernos, viveram em constantes conflitos e sempre sonhando com a paz. Dedicaram à paz os mais belos altares, os mais belos templos e os mais solenes rituais. A paz foi sempre motivação de prece e de penitências, nas formas mais variadas e criativas de celebrações. O sonho de paz perseguiu os povos primitivos, da mesma forma que os fantasmas da guerra os assustavam e os lançavam em tremendos pesadelos.

A paz foi cultuada na forma do vento, do fogo e da brisa mansa entre os povos mediterrâneos e os romanos transformaram o seu sonho de paz numa abstração divinizada, que invocavam em preces e cultos sacerdotais, a ponto que o imperador Augusto lhe consagrou um precioso altar, no final do século I e, mais tarde, Vespasiano e Domiciano consagraram-lhe um templo, denominado Forum da Paz. Não deixa de ser curioso que os maiores déspotas do mundo constroem tem-

plos e altares à *divindade da Paz*. Talvez nem ficaremos horro-  
rizados se, num dia desses, assistirmos pelos canais de televi-  
são americanos os déspotas G. Bush e T. Blair inaugurarem,  
jogando pombas brancas para o ar, um altar de mármore e  
ouro, para reverenciar a paz.

Os povos bíblicos reverenciaram a paz mostrando sua im-  
portância em caráter positivo, global, pleno e relacional. O  
conceito de *shalom* é muito profundo e manifesta um projeto  
de Deus para a humanidade, que deve viver em harmonia con-  
sigo e com Deus. Contraditoriamente, existem muitos textos  
bíblicos de teor bélico, que são escandalosamente perversos.  
Deus muitas vezes marcha para a guerra, incita seu povo à  
conquista e prestigia seus guerrilheiros. Consideramos exegeti-  
camente estas passagens como manipulação belicista da ima-  
gem de Deus, que é Criador e amante da paz.

Importa-nos aprofundar o sentido bíblico de *shalom* que  
significa, sobretudo no profetismo e na literatura sálmica, um  
dom de Deus que perdura a vida, abomina a vingança, cultiva  
o respeito e o perdão e se distingue da paz conquistada pela for-  
ça, tão frágil, ilusória e fugaz.

A paz se firma no pacto da Aliança (Lv 26, 3-7) e não se  
compactua com os poderosos para garantir a própria sobrevi-  
vência e exige sempre um compromisso de conversão pessoal,  
vivificado pela prática da justiça e da solidariedade (Sl 72, 15-  
17; Sl 85, 11; Is 32, 17). Desta reflexão entendemos o binômio  
professado na ética tradicional ocidental: *pax iustitia* como  
integrantes na composição da fraternidade e da solidariedade  
universal.

Verdadeiramente as virtudes da paz e da justiça são inse-  
paráveis, sendo impossível alimentar a paz sem praticar a jus-  
tiça. Na filosofia clássica, a paz é considerada de tal forma a  
conseqüência das demais virtudes, que não chega a ser assumi-  
da como uma virtude cardeal, mas a mãe espiritual de todas as  
virtudes ou ainda, filha gerada no exercício de todas as virtu-  
des, sejam as cardeais ou as teologais.

O conceito bíblico-judaico *shalom* deve ser considerado em  
seu *aspecto mais teologal*, uma vez que a paz é sempre dom  
divino, ofertado como primícia aos seres humanos, na harmo-  
nia criacional (Sl 83, 9) e é mesmo outro nome de Deus (Sl 6,  
24) e representa toda promessa messiânica: Deus vem como  
sinal de paz interior e paz entre os povos, e os sinais de sua  
presença no mundo se refletem em atitudes verdadeiras de paz.  
Assim, o messias é o príncipe da paz (Is 11, 1-19; Jer 23, 5-6).  
Além de ser dom divino, a paz também é um engajamento *éti-  
co social*. Este aspecto da paz eleva a importância da busca  
incessante da paz, como serviço à sobrevivência da humanida-

de. A paz exige compromisso social e político e exige dos cristãos o envolvimento na sua edificação histórica. Sendo dom divino, como seu aspecto primordial, que se manifesta na história humana, como seu aspecto ético social, a paz se impõe como realização cósmica e escatológica. A construção da paz reflete-se na harmonia cósmica e pessoal, que consagra o ser humano para sempre. A vivência da paz na história da humanidade expressa sua continuidade definitiva com Deus e em Deus para sempre. A ícone da harmonia cósmica, como imagem da criação divina, eleva a importância da restauração do universo, como proposta de reconstrução do mundo, conforme o sonho de Deus: sem guerras, na unidade da paz.

### JESUS, PRÍNCIPE DA PAZ

Num breve tratado da paz, mesmo não sendo confessional-cristão, a proposta de Jesus de Nazaré, é considerada por sua originalidade e profecia.

A proposição construtora da paz de Jesus deve ser considerada em duas imagens de seu contexto histórico. Por um lado, a proposição mosaica de paz pela justiça retributiva, que professa a regra do *dente por dente, olho por olho* e, por outro lado, o contexto de dominação dos romanos, que marca a marcha histórica do Nazareno. Este contexto de dominação cruel dos romanos nos possibilita compreender e integrar a visão zelotista de muitos seguidores de Jesus: a rebeldia como meio de restabelecimento da ordem, fundamental para a paz histórica.

Nas narrativas bíblicas, entendemos que os propósitos dos grupos revolucionários mais guerrilheiros não são assumidos por Jesus, que repudiou os seus métodos e as investidas que procuravam colocar Jesus como líder revolucionário guerreiro. A concepção integrista da lei tornava-se um método para confrontar a ocupação romana na Palestina, por meio de resistência armada e métodos terroristas de ataques às bases militares e civis dos romanos. Por outro lado, Jesus não assimila a resistência passiva, com a plena aceitação, liderada pelos sacerdotes e escribas, para a sustentação dos poderes romanos, em troca de interesses e privilégios particulares. A postura de Jesus é pacífica, mas engajada, rejeitando a revolução armada e evitando compactuar-se com os poderes dominadores. Propõe o respeito às tradições, mas numa liberdade de espírito fundamental para conquistar a liberdade e promover a paz. Suas atitudes, podem parecer românticas e alienantes, mas são profundamente revolucionárias e desarmadoras dos dominadores: o perdão sem limites (Mt 18, 21-22); o amor aos inimigos (Mt 5, 43-48), o seguimento livre das leis religiosas, como o sábado,

o respeito aos poderes civis, sem escravidão e a prática da religião sem charlatanismo e sem manipulação espiritual.

A proposta de paz na mensagem evangélica supera as tentativas de paz conforme os propósitos da sociedade civil, (Jo 14, 27) que oferece uma paz conquistada pela morte do adversário, vencendo os poderes prepotentes e se instalando temporariamente em seu lugar, como força de vencer e subjugar. A paz conquistada pela guerra, substitui os manipuladores dos poderes bélicos, mas subjuga sempre o povo. Como diz o ditado popular, mudam-se os batedores, mas permanecem sempre os mesmos apanhadores.

A forma de edificação da paz passa pelo pobre, pelo maltratado e pelo povo simples. Não é uma paz que se esboça nos quartéis, comandados por *decorados governantes*, cheios de medalhas e querendo acrescentar novos brasões em suas jaquetas bordadas de insígnias e condecorações, como se fossem uma jaqueta de *jovem funk*.

A imagem preferida pelos evangelistas, para simbolizar a atividade pacifista de Jesus Cristo não é de um grande guerreiro militar ou de um estadista, mas do servo de Javé, que se reporta à imagem apregoada por Isaías (Is 42, 1-4; 49, 1-6), que é retomada pelos evangelistas, representado o servo humilde de sofredor, que carrega sobre si os dramas humanos e os conduz à libertação. Numa leitura superficial, esta imagem do servo sofredor parece alienante e subjugada, na verdade a postura de servo identifica Jesus com o povo sofredor e estimula os povos excluídos à dignidade e à luta pela paz.

Não podemos entender o discurso pacifista de Jesus, sem aprofundarmos o seu projeto de vida, quando anuncia no sermão da Montanha, a bem-aventurança da Paz (Mt 5, 9). Sua identificação com os espoliados, os derrubados pelas bombas, os desprezados pelos poderes bélicos, manifesta seu interesse e sua vontade de comunhão com os filhos da paz, massacrados pela guerra. A perspectiva da paz de Jesus não se identifica com o sistema bélico da dominação dos *filhos de Lúcifer*, mas identifica sua mensagem com os frágeis, os simples e os humildes, para converter os corações, converter a comunidade e transformar o mundo. A paz não se edifica pela guerra, mas pela reconciliação, pelo amor ao próximo, pela caridade para com os empobrecidos e pela solidariedade entre os povos.

## A COMUNIDADE ECLESIAL NA MILITÂNCIA DA PAZ

Ao longo dos séculos, a comunidade dos cristãos procurou viver a paz. Apesar da mensagem cristã ser eminentemente uma mensagem de paz, em alguns momentos históricos, setores da

Igreja (e não raramente entre os próprios poderes eclesiásticos) perderam-se em meandros diabólicos de guerras e dominações, afastando-se da genuína mensagem do evangelho.

Os cristãos, nos tempos primitivos da Igreja sempre viveram a paz como uma utopia, um ideal de vida fundamental. A marca do martírio tornava-se o mais forte testemunho do pacifismo cristão, pois a aceitação da morte, como força espiritual de transformação se impunha sobre o combate armado, mesmo a nível de defesa pessoal e grupal. Não conhecemos resistências armadas nos ataques aos cristãos, mesmo se tratando de violentações, agressões gratuitas e assassinatos cruéis em arenas, campos de espetáculo, humilhações públicas e destruição em massa dos fiéis ao Nazareno.

Assim, a comunidade eclesial primitiva tornou-se paradigmática na edificação da paz e os mártires representavam sempre um grupo de fiéis assaltado e maltratado pelos ímpios infieis, praticantes de outras religiões. Este ideal permanece como a utopia dos cristãos para os próprios cristãos ao longo dos séculos e para os povos não cristãos, como forma não violenta e eficaz para a edificação da paz.

A denominada *Igreja das catacumbas* vive com mais coerência o ideal da paz, mas não deixa de ser um ideal utópico e idealista. A questão surge quando o cristianismo se aproxima do poder e tem a missão da ordem social e jurídica dentro de uma organização política. Se o cristianismo tivesse permanecido nas catacumbas, teria para sempre um discurso pacifista, de certo modo até acomodado e irreal, uma vez que não teria que gerir conflitos internos e externos das divisões estatais.

Tertuliano distingue três modalidades da paz, ainda no seu período montanista: *pax humana*, *pax ecclesiastica* e *pax divina*. A primeira está na ordem antropológica, a segunda na ordem comunitária eclesial e a última na ordem da serenidade de espírito advinda da comunhão pessoal com Deus.

No entanto, o poder começa a ser assumido por cristãos, em pequenas comunidades longínquas do poder estatal e, no século IV, com o Edito de Milão, assinado por Constantino, o grande, torna-se as forças do próprio poder. A partir de então, o termo paz indica as relações entre a Igreja e o Estado, representando o estado de comunhão. Mesmo neste período patrístico, a paz ainda representa a reconciliação definitiva com Deus, tanto na vida comunitária como na perspectiva escatológica. Agostinho insiste sempre que os governantes devem adiar ou mitigar as guerras, embora admita que os cidadãos devem combater para libertar a cidade dos vândalos. Os cristãos passam a governar grupos sociais e políticos, legitimamente constituídos, e a hierarquia eclesiástica deve agir em parceria, como

orientação espiritual e ética, nas ações decisória dos governos civis. A cruz e a espada, que antes estavam levantadas em campos distintos, tornam-se parceiras no governo da cidade e não passam muitos séculos até quando o mundo cristão, desde os sumos pontífices em Roma até os bispos nas várias regiões da Europa ocidental e oriental, manejam tanto a cruz, quanto a espada.

O comportamento dos cristãos na era pré-constantiniana toma outra direção depois da *pax constantini*, uma vez que os cristãos, enquanto cidadãos devem defender o Estado. De algum modo, a *pax Christi* se identifica com a *pax Constantini*. Se por um lado, o cidadão cristão deve atender os apelos do Estado para participar das guerras, o cristão cidadão não deve participar de alguma guerra. A nova situação é assim descrita por Agostinho: *Se me pedes um conselho, conforme a máxima deste mundo... não se pode dar um conselho seguro em coisas mal-seguras. Se, ao invés... me pedem um conselho conforme a lei de Deus, sei perfeitamente aquilo que devo dizer... os soldados de Cristo combatem não para matar os seres humanos, mas para debelar os principados, as potências e os espíritos do mal (Ef 6, 12), os deveres conjugais não te impedem de buscar a paz até nas guerras, se porventura te fosse necessário ainda nelas tomar parte.*

Muitos teólogos e místicos acreditam ainda hoje que a Igreja não devia jamais ter se acoplado aos poderes e ter vivido pereneamente nas catacumbas, mas a realidade foi muito diferente. Todos os movimentos religiosos se iniciam como força espiritual e carismática e, pouco ou muito tempo depois, tornam-se instituições e devem erigir seus sistemas de sustentação, de defesa e de sobrevivência. Foi assim com o cristianismo, nascido singelamente com os seguidores do Nazareno, tão indefesos e tão inocentes, mas profundamente proféticos e transformadores.

Na realidade, a mensagem evangélica cristã passou do acento teórico e prático da práxis não-violenta, para a exigência de legitimar ou condenar os ataques guerreiros, contra os povos à margem do Império Romano. Deste modo, a utopia maravilhosa dos ideais primitivos, a paz messiânica, se perverte num processo histórico belicoso, onde o ideal cristão deve aceitar, com límpida consciência, na edificação da paz negativa, quando não na necessária guerra, como ação positiva, valendo como mal menor. Como vamos ficando longe daquele ideal primitivo, no qual a forma mais elevada de edificação da paz é o martírio. Em nossos dias, vemos a tragicidade desta evolução, quando o projeto de paz passa pelo armamento bélico e cristãos assumem a iniciativa da guerra. Na verdade, o mundo cristão sofre as conseqüências destas iniciativas bélicas, que ser-

vem, nos revisionismos históricos de auto-crítica e crítica externa, mas esta é uma falsa reflexão. Estes poderosos prepotentes podem ser católicos ou reformados, mas essencialmente não são absolutamente cristãos. A prática da religião não é para os guerrilheiros bélicos de nossos dias ou de outrora, um estilo de vida, apenas um sistema de conveniência social, como um clube para unificar identidades e profanar o templo sagrado.

O outrora foram os conflitos contra os inimigos da cristandade, como muçulmanos e judeus e hindus e budistas; hoje são os inimigos mudaram de nome, mas continuam os mesmos, uma vez que a guerra santa é a mais prostituída das guerras, pois esconde seu arsenal bélico atrás de ícones sagradas e livros de revelação. A maldição da guerra santa é dupla: por ser guerra mesma, sangrenta e mortífera e por justificar-se em imagens religiosas que consumiram suas vidas na busca da paz e preferiram o martírio, para que o processo guerrilheiro não fosse sempre mais fecundado pela ambição dos poderosos. Eu muito me envergonho quando assisto religiosos misturando ritos religiosos e evoluções militares. Todos nos escandalizamos quando líderes corruptos, abertamente cristãos passam da mesa da eucaristia para a mesa dos planos de guerra, tecendo uma ligação perigosa entre a prática da religião e a prática da criminalidade. Em muitas sessões, onde se enjambram planos assassinos de guerra e de manipulação do povo, vemos estampadas imagens de Jesus Cristo e em muitos casos imagens de Maria Aparecida e de santos. A manipulação dos poderes religiosos pelos poderosos é abominável. Há uma interpretação maliciosa e diabólica do pensamento maquiavélico, pois os princípios maquiavélicos são aplicados à vida política, quando os governantes são decentes e honrados, mas fazem grande mal quando são mau-caráter e desavergonhados, como ocorre com tanta freqüência nos quadros mundiais e brasileiros, onde podemos citar nomes sem constrangimento.

Voltemos à reflexão original. O cristianismo, aplicado em forma de prática religiosa, torna-se um carisma para a edificação da paz mundial. No entanto, deve ser considerado em sentido real, isto é co-participante na dinamização das estruturas sociais, econômicas e políticas. Nesta interação entre cristianismo e sociedade, os princípios teológicos, fundamentados numa exegese realística bíblico e numa hermenêutica crística, propõem a teoria da guerra justa e necessária, sempre como um mal necessário, em busca de um bem maior. Se é um mal necessário, deve absolutamente ser evitado até as últimas conseqüências, para que não se torne um jogo de *videogame* manipulado pelos *senhores da guerra* em seus salões ovais. Para superar o estado de violência impiedosa e desumana dos tiranos, os

princípios teológicos apontam para a autodefesa e no combate cruento, evitando sempre que os autodefensores não se tornem, afinal, eles mesmos os grandes tiranos. Na tentativa de autodefender-se, muitas vezes a vítima se torna o algoz cruel e não consegue parar com o ritmo desenfreado das mortes cruéis dos adversários. Neste ponto de nossa reflexão, creio que todos nós temos o espírito perturbado e povoado de fantasmas, antigos e atuais, de nossos noticiários da noite passada, onde no combate aos bandidos, os policiais tornaram-se criminosos e na luta pela paz, os pacifistas tornam-se tiranos.

No Sínodo de Charroux, na França, a proposta religiosa-cristã para a paz proíbe nos conflitos armados o ataque e a morte dos civis, particularmente crianças, mulheres, pobres e pacificadores, sobretudo dentro do clero. A tentativa de regulamentar as ações bélicas, neste Sínodo, limita os dias para a trégua, particularmente dias religiosos festivos e tempos fortes do ano litúrgico, como o Advento e a Quaresma. Estas determinações parecem significar certa hipocrisia e não deixa de ser, mas revela também um controle e uma limitação das ações de guerra, que em nossos tempos não respeita nem lugares e nem tempos sagrados.

A proibição eclesiástica medieval ao clero de participar das ações bélicas representa, outrossim, que a guerra não é santificante, mas uma ação que não se pratica sem ter peso de consciência. Embora revela a secular dicotomia clero-leigo, tão criticada em nossos dias, a disposição mostra que o ideal é a edificação da paz e o jogo da guerra é sempre excepcional e não regular na atividade política dos estados, sejam religiosos ou secularizados. A presença mística e simbólica de Francisco de Assis, no século XIII, marca o ideal perene dos cristãos pela paz. Naquele momento, o mundo laico era mais paradigmático na construção da paz que os grupos clericais, que avançavam com suas artimanhas pseudo-ortodoxas, perseguindo hereges e inquirindo adversários eclesiásticos.

No entanto, a proposta eclesial cristã procura tecer um projeto de paz definitivo, capaz de harmonizar a convivência entre os grupos sociais, evitando as guerras civis e entre as nações, evitando as guerras continentais.

### DE DESESPERANÇA E TRISTEZA, A *GAUDIUM ET SPES*

A força profética da Igreja nunca silenciou, nem mesmo em meio aos grandes conflitos e quando deveria tomar posições delicadas e difíceis, diante dos grandes conflitos. Muitas vezes, a voz profética veio do líderes eclesiásticos, particularmente dos documentos e exortações, mas sobretudo em expe-

riências de grupos religiosos, que procuraram vivenciar a radicalidade do evangelho. No limiar dos novos tempos, preocupada com o itinerário mundial, a Igreja proclama um dos seus mais iluminados pronunciamentos dos últimos tempos. Superando sua tendência natural de manter em ordem a própria casa, os bispos do mundo inteiro, comandados pela batuta magnífica de Paulo VI, papa (1963-1978), mostram que no mundo, pós-guerras e perenemente entre guerras, sobrevivem a alegria e a esperança e que é possível harmonizar os povos. A *Gaudium et Spes* manifesta a preocupação e o otimismo realista com as realidades temporais, clareadas pela mística espiritual do cristianismo. A ética cristã está deixando para sempre a preocupação excessiva com as alcovas personalistas, para se dedicar à convivência entre as pessoas e os povos, de forma pacífica e justa. Nota-se uma reapropriação dos argumentos da sociais, como a paz, a justiça e a solidariedade, antagonizados pela violência periférica e institucional, pelas injustiças e más divisões dos bens sociais e do egoísmo pessoal e de grupos econômicos e políticos. A teologia corajosamente procura articular a espiritualidade religiosa com a ordem temporal, pela magnificiência da compreensão da ação encarnativa do Verbo Divino. A *Gaudium et Spes* (n. 78) apresenta a necessidade de edificar a paz, para a boa convivência dos povos e para a serenidade de todas as pessoas, seja a paz tribal, dos grupos urbanos, seja a paz internacional, dos pólos estatais. Para os padres conciliares, a vida no planeta depende da compreensão dos povos para a necessidade de evitar a guerra e construir a comunidade internacional. Bento XV, em 1914, havia já anunciado, em meio ao troar dos canhões da Primeira Grande Guerra, a importância da paz como direito natural, que depois é ratificado por Pio XII (1939-1958), o qual anuncia a *societas christiana* como artesã da paz mundial. Quando apresentou ao mundo a encíclica *Pacem in terris* (1963), João XXIII alerta o mundo para o perigo de guerras incessantes e demolidoras da ordem internacional, que atrasa o progresso dos povos e aprofunda as rivalidades e ressentimentos que exigem gerações e gerações para a sua superação. Os ódios gerados por catástrofes bélicas, orquestradas pelos prepotentes, deixam cicatrizes históricas por décadas incontáveis, levando as futuras gerações a pagarem pelos crimes de seus antepassados.

Nesta trincheira da paz, a Igreja propõe a paz, como um processo de construção positivo, anunciando que *a paz não é somente ausência de guerra e nem o método emergencial de sustentar o equilíbrio dos poderosos em campos rivais e muito menos o resultado de dominações despóticas, mas a mãe de todas as virtudes, que gera a vida no planeta, para todos os povos. As*

*virtudes teologais alimentam a espiritualidade da paz, como fecundação de sua existência interior dentro do ser humano, enquanto que as virtudes cardeais garantem o equilíbrio do espírito humano, que garante a paz duradoura, em todas as dimensões e para todos os povos. Se alguém morrer, a edificação da paz perdeu a sua perfeição.*

O grande bem da paz é um dom divino para a humanidade, que o recebe qual semente de vida, a ser cultivado no campo da própria pessoa e no campo da sociedade, para que possa saciar as necessidades de todos os povos. A paz é fonte geradora de justiça, de equilíbrio, de prudência e de forças, no exercício do bem universal. Ela se articula entre os valores da fé, para encontrar sua fonte na presença histórica de Deus, na esperança, para cultivar o desejo que as guerras não são perenes, e na caridade, para fecundar a misericórdia, o perdão e a doação de bens para os povos. Assim, a paz torna-se o bálsamo da prática da justiça e da fraternidade universal. Embora tenha sua fonte vital e inspiradora na mística divina, é uma fonte viva que deve regar o patrimônio da humanidade.

Não podemos garantir a paz nacional, contra a paz internacional, como preconizam os prepotentes do eixo da destruição, liderados pelos norte-americanos e ingleses, assim como não basta garantir a satisfação social dentro dos muros do próprio lar. Assim como os burgueses brasileiros que pensavam em garantir a satisfação social dentro dos próprios muros, e se viram assaltados pela miséria galopante nas suas adjacências, igualmente, o mundo das coalizões diabólicas das corporações bélicas, haverão de ver suas fronteiras vilipendiadas pelos marginais de seus sistemas militares e liberais.

A *Gaudium et Spes* mostra que a paz não é um projeto romântico de cristãos ingênuos, que apregoam uma mensagem irrealista e inaplicável, como se vivessem num mundo de anjos. No mesmo documento (n. 80) vemos a proposta para a ereção da paz como lapidação do pensamento humano, seja na cultura, na ética e nas virtudes religiosas. A paz universal é proposta como o maior desafio que a Igreja lança, em caráter de urgência, aos povos de todas as nações.

## A PAZ ENTRE OS POBRES

Desde a realização do Concílio Vaticano II, a Igreja dos pobres, principalmente nos limites da América Latina, procura edificar a paz, considerando as realidades dos povos empobrecidos. A paz exige a transformação social, pois é alienante promulgar estado de paz sem terra, para os desterrados, sem pão para os famintos, sem escolas para os analfabetos e sem hospi-

tais para os enfermos. Foi assim que a luta pela paz passa, na América Latina, pela transformação das estruturas sociais, para compor o cenário necessário de ordem social, básico para erigir a paz social. Tanto é verdade, que nos cenários de miséria, a violência é uma situação perene da convivência social e todos os métodos de opressão e repressão dos focos de violência — sejam o banditismo, os assaltos e a droga — foram ineficientes. Aproximando-se dos meios de violência e de corrupção, a força policial oficial não apenas foi incapaz de gerar a paz e a ordem, mas ela mesma se corrompeu, tornou-se guerrilheira e violenta e incrementou os sistemas de desordem social.

A paz exige, como terreno para sua fecundação, que haja organização social, dignidade humana e respeito aos direitos sociais. A carência destes valores propicia a geração de situações aliantes, onde a guerra urbana e civil cresce de forma assustadora.

Quando citamos a América Latina como cenário de pobreza, chegamos a pensar que este continente tem exclusividade do quadro de miséria do mundo ocidental, juntamente com o continente africano. Parece mesmo que a Igreja no Brasil foi a única que percebeu o quadro de pobreza das populações periféricas. Estamos enganados num e noutro caso. Os países mais ricos do mundo apresentam um nível escandaloso de pobreza e de exclusão, apenas que estes países fazem uma propaganda falsa de seu progresso e escondem a realidade dos pobres atrás de vitrais luxuosos de hotéis e aeroportos e de catedrais suntuosas ou *shoppings* fantasmagóricos, como uma faxineira preguiçosa que joga o lixo sob os tapetes bonitos. Também na América Latina, nem todos os países, com suas conferências episcopais, assumiram a realidade dos pobres de forma ostensiva, restringindo-se a pequenos gestos de assistencialismo, sem discutir as gerações da miséria, que foram projetadas pelos governos capitalistas, vencedores das guerrilhas marxistas em nosso latino continente. Como dizia o profeta Helder Câmara: se oferto pão aos pobres, todos me chamam de santo e me aplaudem; se pergunto porque os pobres não têm pão, chamam-me subversivo e me caluniam.

Para edificar a paz na sociedade contemporânea, seja ela latino americana ou nos países que se deleitam pelo cognome de *primeiro mundo* é urgente a justiça social, a partilha dos produtos do progresso e a inclusão das massas populares. As regiões urbanas, com seus espantosos conglomerados humanos, exigem sistematização dos impostos para os cuidados básicos do desenvolvimento, abrangendo a saúde, o lazer, a educação e a moradia. Até hoje, nossos demagógicos governantes preocuparam unicamente com a sistematização dos inumeráveis impostos, que escalpelam os cidadãos.

As conferências episcopais latino-americanas de Medellín (1968) e Puebla (1979) expuseram para a comunidade eclesial e civil o quadro das violências contra o ser humano e arriscaram em apontar suas causas, promovendo uma ação pastoral que atuasse nos virus causadores deste colapso social. A Igreja foi profética, foi criticada e sustentou seus princípios, unida na força espiritual da mensagem evangélica. Ainda hoje a comunidade eclesial está presente na luta pela transformação social, posicionando-se ao lado dos empobrecidos, sejam os negros, os indígenas, os migrantes, particularmente nordestinos, os cai-piras, as mulheres, idosos e as crianças de rua. Somente a revalorização destas etnias culturais e sociais pode garantir a paz duradoura e verdadeira.

## OS CAMINHOS PARA A PAZ

A paz é possível. E preciso que esta frase termine com uma interjeição e jamais com uma tremenda e duvidosa interrogação. Um caminho difícil, por vezes iluminado, outras vezes nebuloso, mas sempre um caminho que aponta para o porvir. Não apenas uma utopia que incita e motiva os espíritos inseguros e as almas frágeis, mas um ideal histórico a ser construído com segurança.

A paz deve ter uma característica fundamental: não pode ser nacionalista e limitada a tribos e grupos específicos, como se fosse possível organizar *condomínios da paz*. A paz transpõe fronteiras, sejam oligárquicos, sejam raciais e nacionais. A paz começa pelo coração do ser humano e tem dimensão personalista, antropológica e universalista, impondo-se pela prática da justiça planetária e pela solidariedade. Para haver paz mundial, deve-se superar as visões redutivistas dos governantes em ofertar paz para *seu povo* e suas instituições e elaborar organizações transnacionais para a edificação da paz dos povos.

A edificação da paz deve ter visão transcendente às religiões, seja pelo diálogo religioso, seja pela unidade dos ideais de paz ou pelos encontros pluri-religiosos. Os líderes religiosos, assumindo e vivendo seus dogmas confessionais, procuram superar as divisões e as distinções dogmáticas e buscam elementos comuns da construção da paz. Deve ficar no passado as confluências religiosas que provocavam divisões e fragilizavam os ideais humanos da caridade, da justiça e da paz. Como estes ideais se identificam nas verdadeiras escrituras sagradas, a prática e a conquista destes valores são pontos de convergência das religiões e não motivação de divisões. Os seres humanos de boa vontade devem unir seus ideais para construir um tempo de paz e de felicidade para toda a humanidade.

A sociedade solidária universal é fecundada pelos ideais religiosos que unificam os povos como filhos de Deus, irmãos entre si e amigos universais.

Além dos elementos religiosos, destacamos a importância da reestruturação dos valores antropológicos e sociológicos fundamentais, sejam a estreita coerência entre a busca da paz, a ação e a formação do espírito para a pacificação; a análise e a correção das situações estruturais que geram os conflitos; a cura da perturbação do espírito humano que torna-se bélico e conflitivo; a diminuição da defasagem entre pobres e ricos e os povos norte-sul do planeta; a conscientização dos princípios éticos que promulgam a defesa da vida em sua integridade; o fortalecimento dos artigos jurídicos que protegem as ações pacíficas e denunciam os terrorismos sejam governamentais ou rebeldes.

Quando pensamos nas mortes da guerra, temos experiências antigas e novas, vemos os adversários como vilões a serem assassinados, pois esta é a imagem transportada pelos ideólogos das potências mundiais. Cristãmente são um pecado contra o Espírito Santo, humanamente são uma cegueira antropológica: cada pessoa neste universo tem uma mãe que chora ao ver seu filho cravejado por balas e explodidos por mísseis silenciosos e sanguinários. Antes que todos os seres humanos, sobretudo engravatados em ternos azuis, entendam que cada ser humano tem uma mãe que chora, muito sangue será derramado. Se todos entenderem que suas dores de perda e de humilhação maltratam também as mães dos adversários, antes de projetar um míssil, as guerras poderão desaparecer para sempre da face do planeta.

**Em tempos de guerra**, mais atroz e mais cruéis que em outros tempos da história humana, pois os métodos ficaram mais agressivos e demolidores, é preciso despertar a consciência da grandeza da paz, como única forma de conquistar os bens da vida e gozar os benefícios do progresso e da riqueza da humanidade, tão elevados na contemporaneidade. A paz está no caminho, depende da atitude de cada cidadão e deve ser construída a cada instante. Frágil, delicada e harmoniosa como o canto do mítico uirapuru, que canta livre nas florestas, a paz precisa ser respeitada e entronizada no coração dos seres humanos. Sem o cultivo da paz, fica minado o coração do ser humano e maculado o reino histórico da felicidade.

## BIBLIOGRAFIA

- BOBBIO, N., Paz e política. Em BOBBIO, N. — N. MATTEUCCI — G. PASQUINO, *Dicionário de Política*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1986, pp. 909-916.

- COMBLIN, J., *Théologie de la pratique révolutionnaire*. Paris, PUF, 1974.
- COMBLIN, J., *Théologie de la paix*. Paris, PUF, 1960.
- COSTE, R., *Paix. Dictionnaire de Spiritualité, Ascétique et mystique — Doctrine et histoire*. Paris, Beauchesne, 1982, vol. 12, cc. 40-56.
- FENELON, D. R., *A guerra fria*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- GORGULHO, G. — ANDERSON, A. F., *Justiça dos pobres*. São Paulo, Paulinas, 1981.
- GRIMAL, P., Os deuses e as deusas da Paz. Em *Enciclopedia dei miti*. Brescia, Garzanti/PUF/Paideia, 1987, p. 468.
- HAERING, B., *Tolerância: por uma ética da solidariedade e da paz*. São Paulo, Paulinas, 1995.
- HAMMAN, A., Paz. Em *Dicionário Patrístico e de Antigüidades cristãs*. São Paulo/Petrópolis, Paulus/Vozes, 2002, p. 320.
- HERKENHOFF, J. B., *Direito e utopia*. Porto, Livraria do Advento, 1999.
- HOFFE, O., *Justiça política: fundamentação de uma filosofia política do direito e do estado*. Petrópolis, Vozes, 1991.
- KANT, I., *A paz perpétua*. São Paulo, LP&M, 1989.
- LAND, P., *A justiça no mundo*. São Paulo, Paulinas, 1978.
- LEÃO, A., *Justiça: realidade ou utopia?* São Paulo, LTr, 1994.
- ORTIZ, F. R., A paz na filosofia do direito. Em *Gran Enciclopedia Rialp*, Madrid, Rialp, 1974, vol. 18, pp. 101-104.
- PEGORARO, O., *A ética e a justiça*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- SCHLESINGER, H. — H. PORTO, A paz social. Em *Dicionário Enciclopédico das Religiões*. Petrópolis, Vozes, 1995, p. 816.
- SIEBEN, H. J., La paix intérieure. Em *Dictionnaire de Spiritualité, Ascétique et mystique — Doctrine et histoire*. Paris, Beauchesne, 1982, vol. 12, cc. 56-74.
- VITA, A. A., *A justiça igualitária e seus críticos*. São Paulo, Unesp, 2000.